



INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA II – IELP II

Profa. Dra. Vanessa Barbosa

O que é texto?



A ave voa.
Ivo viu a uva.
A vovó vai ver o vovô.



O Boi baba.
O Bebê é bobo.
A babá é boa.







UMA
CIDADE MUDA

NÃO
MUDA.



REFORMA ORTOGRÁFICA



Dia de prova

Dia de prova na faculdade, 100 alunos na sala, professor chato, impaciente, e louco pra ir embora:

- Dez em ponto a prova termina. E quem não entregar até esta hora não entrega mais! diz o professor.

Às 10h10min, um aluno corre com a prova na mão até a mesa do professor que arrumava as coisas pra ir embora.

- Eu avisei que não aceitaria provas fora do horário! Esqueça!

O aluno com ar autoritário perguntou:

- Você sabe com quem está falando?

A resposta do professor tinha um certo sarcasmo.

- Não, não faço a menor ideia.

Empinando mais o nariz, tornou a repetir o aluno:

- Tem certeza disso?

- Absolutíssima! Disse o professor.

O aluno levantou a imensa pilha de provas, enfiou a dele no meio, deu uma embaralhadinha e disse:

Então descobre, FDP!

No meio do caminho
(Carlos Drummond de Andrade)

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra
no meio do caminho
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

Lua morta

Rua torta

Tua porta!

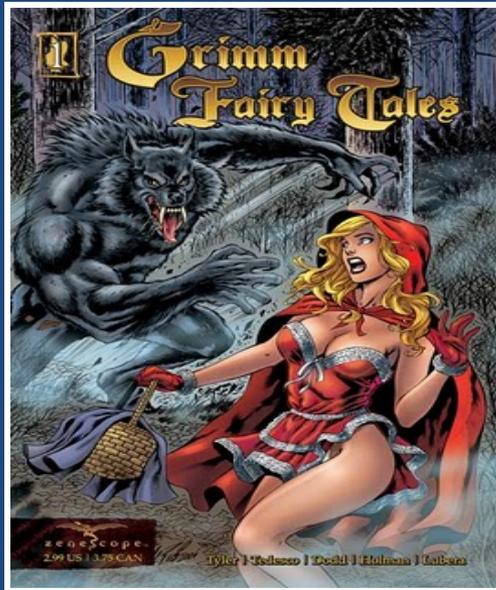
(Autor: Cassiano Ricardo)

João vai à padaria. A padaria é feita de tijolos. Os tijolos são caríssimos. Também os mísseis são caríssimos. Os mísseis são lançados do espaço. Segundo a teoria da Relatividade o espaço é curvo. A geometria rimaniana dá conta desse fenômeno (Marcuschi, 1983, p. 31).

TODO TEXTO CONTÉM UM PRONUNCIAMENTO
DENTRO DE UM DEBATE DE ESCALA MAIS
AMPLA.



OS TEXTOS SÃO FENÔMENOS HISTÓRICOS, VINCULADOS À VIDA SOCIAL E CULTURAL. SÃO PROFUNDAMENTE VIDA SOCIAL E



Era uma vez...

Uma garotinha que tinha que levar pão e leite para sua avó. Enquanto caminhava alegremente pela floresta, um lobo apareceu e perguntou-lhe onde ia.

– À casa da vovó –, respondeu ela prontamente.

O Lobo, muito esperto, chegou primeiro à casa, matou a vovó, colocou seu sangue numa garrafa, fatiou sua carne num prato, comeu e bebeu satisfatoriamente. Então, guardou as sobras na despensa, colocou sua camisola e esperou na cama.

Toc. Toc. Toc. Soou a porta.

– Entre, minha querida -, disse o lobo.

– Eu trouxe o pão e o leite para a senhora, vovó –, respondeu Chapeuzinho Vermelho.

– Entre, minha querida. Coma algo. Tem carne e vinho na despensa –, disse o lobo.

A menina comeu o que lhe foi oferecido e, enquanto comia, o gato de sua vó a observava aos murmúrios:

– Meretriz! Então, comes a carne e bebes o sangue de tua avó com gosto. Ata teu destino ao dela.

Então, o lobo disse:

- Dispa-se e venha para cama comigo.
- O que faço com meu vestido? - questionou Chapeuzinho.
- Jogue na lareira. Não precisará mais disso – respondeu o lobo.

Para cada peça de roupa que a garota retirava (corpete, anágua, meias), a garota refazia a mesma pergunta, e o lobo respondia:

- Jogue na lareira. Não precisará mais disso.

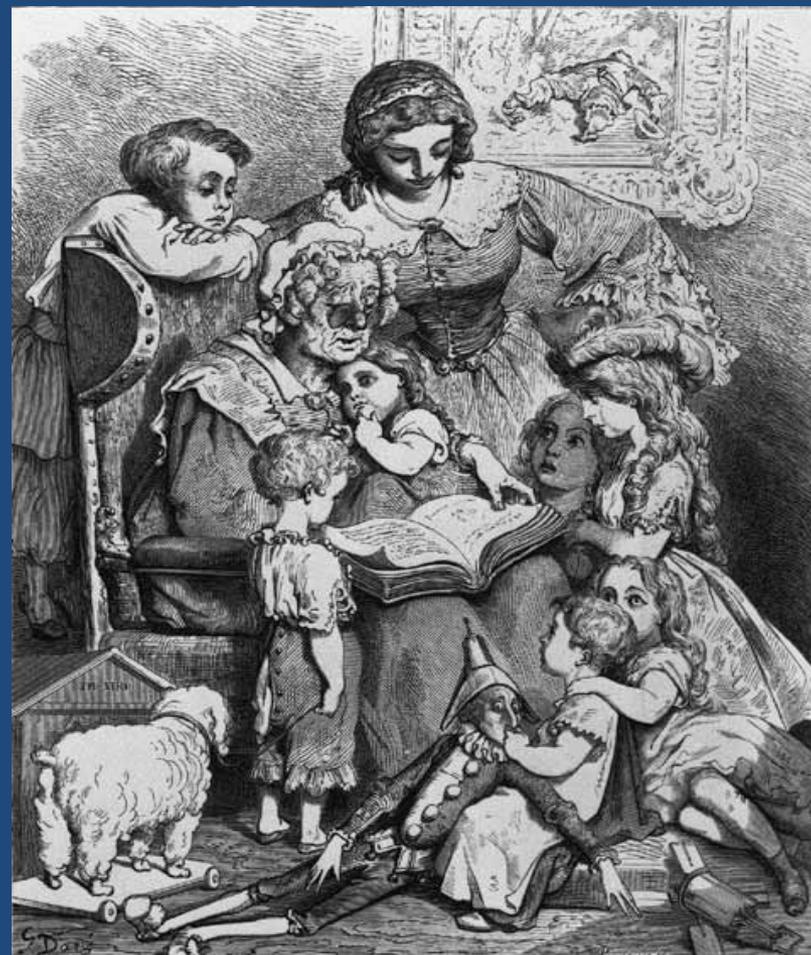
Então, a garota deitou-se ao lado do lobo e, ao sentir o toque do pelo roçar em seu corpo, disse:

- Como a senhora é peluda, vovó –, exclamou Chapeuzinho.
- É para te esquentar, minha neta – respondeu o lobo.
- Que unhas grandes a senhora tem!
- São para me coçar, minha querida.
- Que dentes grandes a senhora tem!
- São para te comer.

E então a devorou.



O final feliz que conhecemos só foi adicionado pelos Irmãos Grimm no século XIX. O original servia para os aldeões ensinarem as filhas virgens a não atenderem a chamados e pedidos de estranhos e não tinha a intenção de ser um conto de fadas. O intuito era educar pelo medo da morte.



Os contos de fadas eram uma expressão popular, que passava de geração em geração, através da tradição oral.

O TEXTO DEPENDE DE QUEM O ESCREVE, PARA QUEM E COM QUE INTENÇÃO:

Chapeuzinho Vermelho Na Imprensa Brasileira

JORNAL NACIONAL: (William Bonner)

"Boa Noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem...".

(Renata Vasconcellos): '... mas a atuação de um caçador evitou uma tragédia'.

REVISTA VEJA

Lula sabia das intenções do lobo.

REVISTA CLÁUDIA

Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

REVISTA NOVA

Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama.

O ESTADO DE S. PAULO

Lobo que devorou Chapeuzinho seria filiado ao PT.

O GLOBO

Petrobrás apoia ONG do lenhador ligado ao PT que matou um lobo pra salvar menor de idade carente.

ZERO HORA

Avó de Chapeuzinho nasceu no RS.

PROGRAMA DO DATENA

Sangue e tragédia na casa da vovó.

REVISTA CARAS (Ensaio fotográfico com Chapeuzinho na semana seguinte)

Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: 'Até ser devorada, eu não dava valor para muitas coisas da vida. Hoje sou outra pessoa'.

PLAYBOY (Ensaio fotográfico no mês seguinte)

Veja o que só o lobo viu.

SUPER INTERESSANTE

Lobo mau! mito ou verdade ?

DISCOVERY CHANNEL

Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

“Todo texto é produto de uma criação coletiva: a voz do seu produtor se manifesta ao lado de um coro de outras vozes que já trataram do mesmo tema e com as quais se põe em acordo ou desacordo” (Platão & Fiorin, 1998).

“Num texto, certos elementos comparam-se aos fios que costuram entre si as partes de uma vestimenta. Cortados esses fios, o que sobra são simples pedaços de pano” (Fiorin & Savioli, 1996).

De que depende o sentido?

Do texto?

Do autor?

Do leitor?

Do momento sociocultural?



A Linguística
Textual: um pouco
de história...

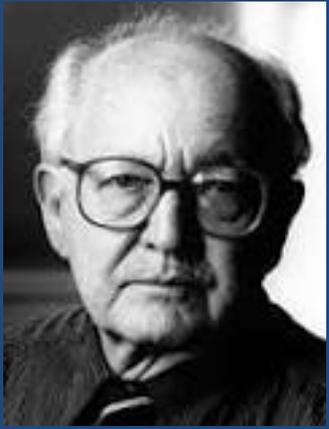
**ETIMOLOGIA DOS TERMOS (CUNHA, A.G.
DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA
PORTUGUESA. 4. ED. RIO DE JANEIRO: LEXICON,
2010.**

discur-sar, -ivo -o → DISCORRER

discorrer *vb.* ‘percorrer, atravessar’ ‘tratar, expor, analisar’ 1572. Do lat. *Discurrere*, de *currere* // **discursar** XVI // **discursivo** 1813// **discurso** XVI. Do lat. *Discursos -us*, de *discursum*, supino de *discurrere*.

Texto *sm.* ‘as próprias palavras de um autor, livro ou escrito’/ XIV *texto* XIV / Do lat. *Textum -i* ‘entrelaçamento, tecido’ ‘contextura (duma obra)’

Contexto *sm.* ‘conjunto, todo, reunião’ ‘encadeamento das ideias dum discurso’ 1813. Do fr. *Contexte*, deriv. do lat. *Contextus - us* // **contextura** XVIII. Do fr. *Contexture*.



“Toda a Linguística deve ser obrigatoriamente
Linguística do Texto” (Harald Weinrich)



Linguística Textual: resultado de esforço teórico na busca por um campo de investigação oposto ao construído pela Linguística Estruturalista.

Motivação: Ir além dos limites da frase.

Principal Objetivo: Ter o texto como unidade legítima dos estudos linguísticos.

LINGUÍSTICA TEXTUAL - LT

- Texto e discurso são sinônimos.
- O conceito de texto é seu objeto de estudo.
- A LT opera com uma metodologia de investigação científica que privilegia as relações cotextuais de composição das sequências linguísticas dotadas de unidade semântica.

→ **Década de 70:** alguns autores europeus apresentam preocupações no campo dos estudos discursivos (Barthes, Greimas, etc.), o que evidencia o interesse em uma Linguística preocupada com questões de “além frase”.

→ **No entanto:** há uma história não-linear e heterogênea da Linguística do Texto. Isto porque ela surgiu em vários países (dentro e fora da Europa) com propostas teóricas diversas.

→ **Então,** não há cronologia, mas gradual ampliação do objeto de análise, bem como progressivo afastamento da influência teórico-metodológica da linguística estrutural saussureana.

→ **Consenso:** Três momentos

1º Momento: **Análise Transfrástica**

2º Momento: **Construção de Gramáticas Textuais**

3º Momento: **Texto e Contexto → Teoria do Texto**

1ª FASE: TEXTO UNIDADE LINGUÍSTICA

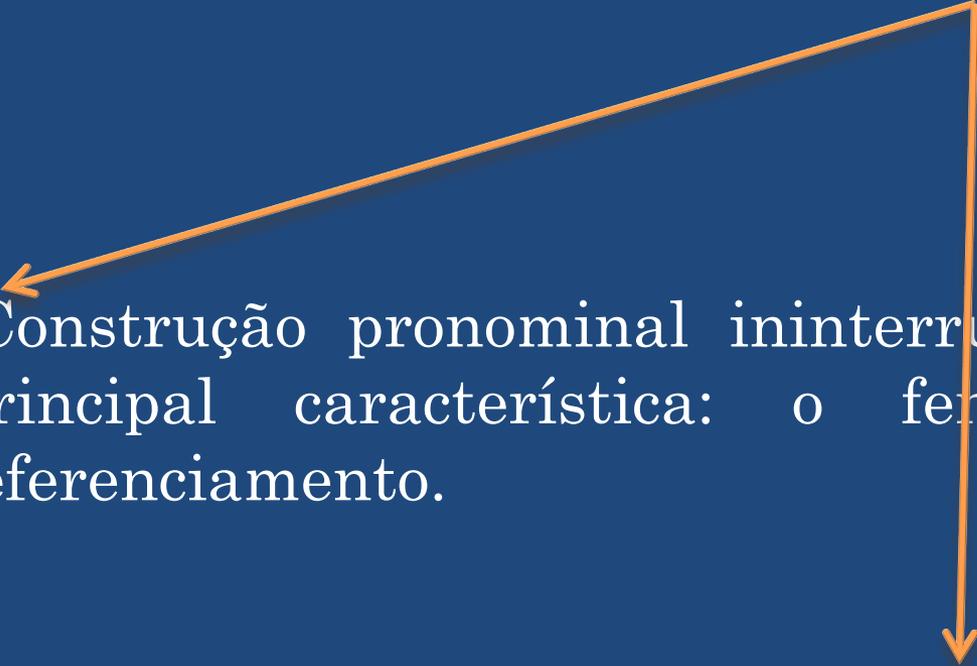
- Segunda metade da década de 1960 e a primeira da década de 1970 – texto: **uma unidade linguística superior à sentença formada por “uma sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma *concatenação pronominal ininterrupta*”** (Koch, 2006, p. 4).
- Estudo dos mecanismos interfrásticos do sistema gramatical da língua.

1ª FASE – RELAÇÕES CORREFERENCIAIS

- Ênfase nas relações correferenciais
- Pronome: toda e qualquer expressão linguística que retoma outra expressão linguística correferencial

1º Momento: *Análise Transfrástica*

“Da frase para o Texto”



“Construção pronominal ininterrupta” (Harweg, 1968).
Principal característica: o fenômeno do múltiplo referenciamento.

“Sequência coerente de enunciados” (Isenberg, 1970).

Exemplo:

a) Pedro foi ao cinema. **Ele** não gostou do filme.



• Pronome fornece informações para o ouvinte/leitor indicando que há conexão entre a predicação e o próprio Sintagma Nominal (SN). Logo, é a congruência entre as predicções que permite afirmar que “ele é referente de Pedro”.

• Fenômeno: **Coesão referencial**

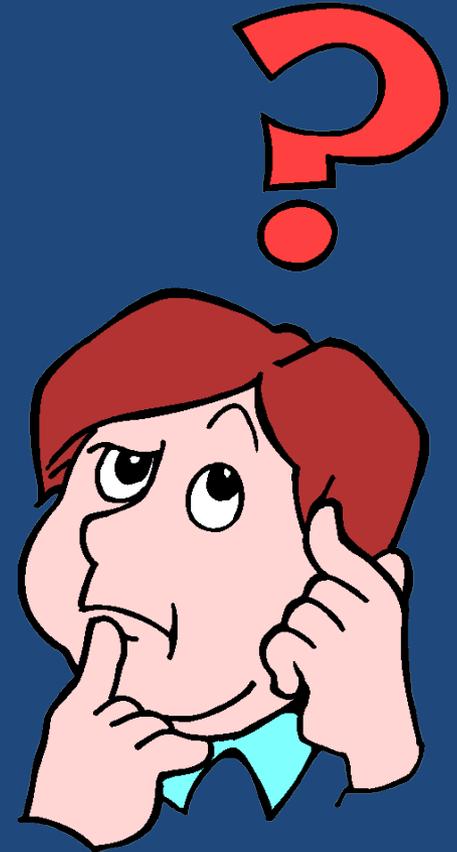
Outras inquietações: tentar a ampliação das classificações dos conectivos, para compreender como acontecia a ligação entre sequências maiores de frases. **Todavia**, apenas o fenômeno de referência não garantia que se tratasse de uma

Linguística Textual Transfrástica

- Quais os níveis de serem estabelecidos por meio de conectivos?
- Por que utiliza-se o artigo determinado em certas ocorrências linguísticas, ao invés de um indeterminado?

Mas... Como se estabelece a relação entre uma sequência linguística e outra sem a presença de um conector?

- 1) Não fui à festa de seu aniversário: deixei um recado no facebook.
- 2) Não fui à festa de seu aniversário: estive doente.
- 3) Não fui à festa de seu aniversário: não posso dizer quem estava lá.



Fato: Nessas circunstâncias, cabe ao leitor/ouvinte construir o sentido global da sequência.



Conclusões:

- Precisava-se do conhecimento intuitivo do falante para compreender o objeto “texto”.
- Nem todo o texto apresenta situações de correferenciação.

Solução:

- Elaborar gramáticas textuais, tendo o texto como objeto de investigação.

Busca do objetivo:
elaborar gramáticas
textuais

- Objeto teórico: unidade funcional, comunicativa, intersubjetivamente construída. Unidade estrato. Unidade

X (versus)

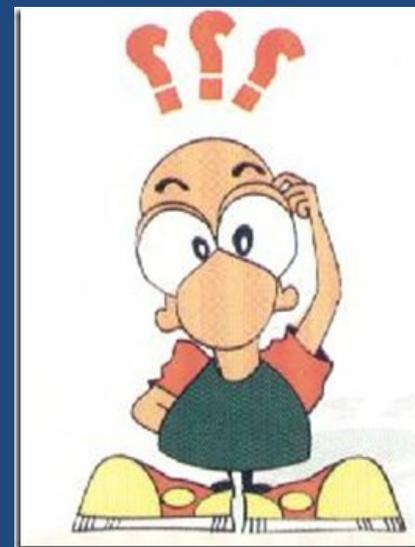
- Discurso: unidade funcional, comunicativa, intersubjetivamente construída

GRAMÁTICAS TEXTUAIS

- Texto é a unidade linguística mais alta, superior à sentença, e constitui uma entidade do sistema linguístico, cujas estruturas possíveis em cada língua devem ser determinadas por uma gramática textual.
- Gramáticas textuais por analogia com as gramáticas da frase:
 - 1) Princípios de constituição de textos
 - 2) Critérios para delimitação de textos
 - 3) Diferenciação entre as espécies de textos – tipos textuais

- Questionamentos basilares das gramáticas textuais:
 - O que faz do texto um texto? Quais elementos e princípios o organizam como tal?
 - Quais os critérios de definição de um texto?
 - Como diferenciar as várias espécies de textos?

Influência do Gerativismo



- Apesar dos esforços, as tarefas não foram executadas a contento, pois se verificou que não era possível com o **modelo** teórico que desse conta dos **quisados**

Importância dos
textos em seus
contextos pragmáticos



- Por isso, os pesquisadores começaram a elaborar uma “**Teoria do Texto**” preocupada em investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em **uso**.

- **Do texto ao contexto** (conjunto de condições externas de produção, recepção e interpretação dos textos).
- Final da déc. De 70 → Noção de **Textualidade** (Beaugrand e Dressler, 1981)



“Modo múltiplo ativado toda vez que ocorrem eventos comunicativos”.

AINDA NA 1ª FASE – PERSPECTIVA SEMÂNTICA

- O texto é uma sequência coerente de enunciados
- Coerência: sintático-semântica
 - 1) Repetição
 - 2) Progressão
 - 3) Não-contradição
 - 4) Relação
- Relações de sentido que consideram o texto para além das frases tomadas isoladamente.

COERÊNCIA SINTÁTICO-SEMÂNTICA: REPETIÇÃO, PROGRESSÃO, NÃO- CONTRADIÇÃO, RELAÇÃO

“O aluno hoje busca dissolver todas as relações de hierarquia. Quando ele diz, por exemplo, “eu fiz uma prova e o professor me deu quatro, mas eu tenho certeza de que eu sabia e deveria ter tirado mais”, a função **desse discurso** é tirar de **mim, enquanto aluno**, o sentimento de mal-estar causado por achar que eu errei. Esse aluno só quer não se sentir mal com o fato de que ele fracassou na prova, ele só quer eliminar a instância que aponta a falha dele. Ele está, em termos freudianos, numa posição narcísica. Isso faz com que as pessoas hoje, ao invés de enfrentarem o buraco e os vazios que existem em nós, elas queiram apenas negar os **seus** vazios. Quer dizer que a análise da cultura contemporânea fracassou, pois, numa sociedade consumista ao extremo, que te diz o tempo todo o que você deve comprar pra se sentir bem, é uma sociedade que incentiva esse tipo de postura e se caracteriza pela tentativa contínua de negar as incertezas (PONDÉ, 7/8/2016, Canal *Quem Somos Nós?*).

2ª FASE – VIRADA PRAGMÁTICA

- **Texto:** unidade básica de comunicação ou interação humana.
- Influência da teoria dos Atos de Fala (Searle, Austin) e da Psicologia da linguagem soviética (Vygotski).
- Linguagem como atividade
- Conexão entre texto e seu **contexto comunicativo-situacional.**

- Estudo da língua considerado nos processos comunicativos de uma sociedade concreta.
- "A pesquisa em LT ganha uma nova dimensão: já não se trata mais de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas, sim, o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta. [...]. Isto é, os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática ou semanticamente, passando a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumentos de realização de intenções comunicativas e sociais do falante (HEINEMANN, 1982 *apud* KOCH, 2015, p. 27).

COERÊNCIA

- Charolles (1983) - virada pragmática – princípio de interpretabilidade do discurso.
- **Coerência** - é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto **numa situação de comunicação** e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. Este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 10).

BASE DA COERÊNCIA É CONTINUIDADE DE SENTIDOS ENTRE CONHECIMENTOS ATIVADOS PELAS EXPRESSÕES TEXTUAIS

A: O telefone!

B: Estou no banho!

A: Certo.

(KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 24)

COESÃO

“a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual. Ao contrário da coerência, que é subjacente, a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas.” (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 40).

Koch/Travaglia (1992) analisam que a coesão pode auxiliar, mas não é condição necessária para o cálculo do sentido do texto.

EXEMPLO – RELAÇÃO COESÃO/COERÊNCIA

O Show

O cartaz

O desejo

O pai

O dinheiro

O ingresso

O dia

A preparação

A ida

O estádio

A multidão

A expectativa

A música

A vibração

A participação

O fim

A volta

Vaio

(apud, KOCH/TRAVAGLIA,
1992, p. 12)

RELAÇÃO COESÃO/COERÊNCIA: EXPLICITAÇÃO DA ORDENAÇÃO TEMPORAL

- **Show**
- Sexta-feira Raul viu um cartaz anunciando um show de Milton Nascimento para a próxima terça-feira, dia 04/04/89, às 21h, no ginásio do Uberlândia Tênis Clube na Getúlio Vargas. Por ser fã do cantor, ficou com muita vontade de assistir à apresentação. Chegando em casa, falou com o pai que lhe deu dinheiro para comprar o ingresso. Na terça-feira, dia do show, Raul preparou-se, escolhendo uma roupa com que ficasse mais à vontade durante o evento. Foi para o UTC com um grupo de amigos. Lá havia uma multidão em grande expectativa aguardando o início do espetáculo, que começou com meia hora de atraso. Mas valeu a pena: a música era da melhor qualidade, fazendo todos vibrarem e participarem do show. Após o final, Raul voltou para casa com um vazio no peito pela ausência de todo aquele som, de toda aquela alegria contagiante (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 13).

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

Década de 1980, a compreensão de que as ações em geral são acompanhadas de processos de ordem cognitiva motivou uma nova concepção de texto como **“resultado de processos mentais”** (Koch, 2015, p. 35), isto é, o texto é resultado da ativação pelos parceiros da comunicação de saberes acumulados na memória (linguístico, enciclopédico, cognitivo, sociointeracional etc.) quanto aos diversos tipos de atividades da vida social. Em outras palavras, o texto é resultado de processos mentais. Trata-se de uma abordagem procedural.

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

Sendo assim, os parceiros da comunicação têm conhecimentos armazenados quanto aos mais diversos tipos de atividades da vida social, cabendo-lhes, na produção de textos, a ativação desses saberes.

Para Beaugrand & Dressier (1981), o texto tem sua origem na interligação de operações cognitivas (KOCH, 2015, p. 34).

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

Cabe, assim, à LT desenvolver modelos procedurais de descrição textual capazes de dar conta dos processos cognitivos que permitem a integração dos diversos sistemas de conhecimento dos parceiros da comunicação, na descrição e na descoberta de procedimentos para sua atualização e tratamento no quadro das motivações e estratégias da produção e compreensão de textos (KOCH, 2015, p. 34 – grifos nossos).

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

Heinemann & Viehweger (1991) postulam que, para o processamento textual, concorrem quatro grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico, o interacional e o referente a modelos textuais globais.

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

1) Conhecimento dos elementos linguísticos: “são pistas para a ativação dos conhecimentos armazenados na memória, constituem o ponto de partida para a elaboração de inferências, ajudam a captar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto etc” (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 59)

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

2) Conhecimento enciclopédico ou semântico ou de mundo: conhecimentos armazenados na memória em blocos denominados modelos cognitivos (frames, esquemas, planos, scripts, superestruturas textuais). Os modelos cognitivos são culturalmente determinados e aprendidos através de nossa vivência em dada sociedade. Além deles, há o conhecimento científico, aprendido nos livros e nas escolas.

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

Admite-se, portanto, nessa perspectiva, a existência de modelos cognitivos, que são originários ora da Inteligência Artificial, ora da Psicologia da Cognição e recebem, na literatura, denominações diversas, como *frames, scripts, cenários mentais, modelos episódicos ou de situação* etc., caracterizados como estruturas complexas de conhecimentos, que representam as experiências que vivenciamos em sociedade e que servem de base aos processos conceituais. (KOCH, 2015, p. 35)

Ex.: representação em redes (nós).

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

Exemplo de conhecimento de mundo:

Esquema – conhecimentos armazenados em sequência temporal ou causal.

Circuito fechado (Ricardo Ramos)

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforo, Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques. (...)

SCRIPTS – CONJUNTO DE CONHECIMENTOS SOBRE MODOS DE AGIR ESTEROTIPADOS NA CULTURA

Muito prazer. Por favor, quero ver o meu saldo. Acho que sim. Que bom telefonar, foi ótimo, agora mesmo estava pensando em você. Puro, com gelo. Passe mais tarde, ainda não fiz, não está pronto. Amanhã eu ligo, e digo alguma coisa. Guarde o troco. Penso que sim. Este mês, não fica para o outro. Desculpe, não me lembrei. Veja logo a conta, sim? É pena mas hoje não posso, tenho um jantar. Vinte litros, da comum. Acho que não. Nas próximas férias, vou até lá, de carro. Gosto mais assim, com azul. Bem, obrigada, e você? Feitas as contas, estava errado. Creio que não. Já, pode levar. Ontem aquele calor, hoje chovendo (...).

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

É com base em tais modelos, por exemplo, que se levantam hipóteses, a partir de uma manchete ou título; que se criam expectativas sobre o(s) campo(s) lexical(ais) a ser(em) explorado(s) no texto; que se produzem as inferências que permitem suprir lacunas ou incompletudes encontradas na superfície textual. (KOCH, 2015, p. 36)

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

3) Conhecimento partilhado ou interacional: conhecimentos disponíveis na memória, partilhados entre o produtor e o receptor que permitem uma maior ou menor explicitude do texto. Ele engloba os conhecimentos do tipo ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural.

Exemplos:

- O Visitante acendeu um cigarro e pôs-se a falar nervosamente; a *fumaça* irritava-me os olhos, mas tentei ouvi-lo com paciência. (frame arquivado- rótulo)
- O professor entrou na sala, olhou para os alunos e escreveu no *quadro* um aviso importante. (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, P. 64-65)

3ª FASE - VIRADA COGNITIVISTA

4) Referente a modelos textuais globais – As Inferências: operação de estabelecimento de uma relação não-explicita entre dois elementos do texto, com a ajuda do conhecimento de mundo.

Ex.: João é brasileiro. Portanto, é quase certo que João fala português.

(Inferência: Considerando que a maioria da população brasileira fala português.)

FORMULAÇÃO BASILAR DA LINGUÍSTICA TEXTUAL:

Nenhum texto é ou poderia ser completamente explícito, isto é, nenhum texto traz na sua superfície tudo o que é preciso saber para compreendê-lo.

OUTRAS CONTRIBUIÇÕES IMPORTANTES

- Charrolles (1989) afirma que todo falante possui três capacidades textuais básicas:
 - Capacidade formativa: produção e avaliação de boa ou má formação textual.
 - Capacidade transformativa: reformular, parafrasear e resumir um dado texto.
 - Capacidade qualificativa: tipificar um texto dado. Ex.: reconhecer se é narração, descrição, argumentação, etc.

- A **Textualidade** (Beaugrande & Dressler - 1981), na opinião dos autores, pressupõe sete princípios gerais que “fazem de um texto um texto”, quais sejam:

- 1) Coesividade
- 2) Coerência
- 3) Intencionalidade
- 4) Aceitabilidade
- 5) Informatividade
- 6) Situcionalidade
- 7) Intertextualidade

*Princípios de
construção textual do
sentido* (KOCH, 2015,
p. 40)

Com a virada cognitiva, a Linguística Textual entra em uma nova fase, que vai levar a uma nova concepção de texto, o que possibilitará importantes desenvolvimentos posteriores (KOCH, 2015, p. 40).

PERSPECTIVA SOCIOCÓGNITIVO- INTERACIONISTA

- Questionamento, nas ciências cognitivas clássicas, da separação entre exterioridade e interioridade, sobretudo devido à divisão que se dá entre fenômenos mentais e sociais.

PERSPECTIVA SOCIOCOCGNITIVO- INTERACIONISTA

- Para o cognitivismo interessa explicar como os conhecimentos que um indivíduo possui estão estruturados em sua mente e como eles são acionados para resolver problemas postos pelo ambiente (KOCH, 2015, p. 41).

PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVO- INTERACIONISTA

- Entender a relação entre cognição e cultura seria, portanto, entender que conhecimentos os indivíduos devem ter para agir adequadamente dentro de sua cultura. Nessa visão, cultura é um conjunto de noções e procedimentos a serem armazenados individualmente (KOCH, 2015, p. 41).

PERSPECTIVA SOCIOCOCGNITIVO- INTERACIONISTA

- Começa a cair a ideia de “mente separada do corpo” e ganha espaço a compreensão de “mente encarnada”.
- Uma visão que encorpora aspectos sociais, culturais e interacionais na compreensão de como se dá o processamento cognitivo que acontece na sociedade (e não somente no indivíduo).

PERSPECTIVA SOCIOCOCGNITIVO- INTERACIONISTA

- *Enação*: emergência e desenvolvimento dos conceitos nas atividades em que os organismos se engajam.
- Grande parte da cognição, portanto, acontece fora das mentes. Logo, a cognição é um fenômeno *situado*.

PERSPECTIVA SOCIOCÓGNITIVO- INTERACIONISTA

- **Texto** - unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão. (KOCH/TRAVAGLIA, 1992, p. 10)

PERSPECTIVA SOCIOCOCGNITIVO- INTERACIONISTA

- **Linguagem:** ação compartilhada que percorre um duplo percurso na relação sujeito/realidade e exerce dupla função em relação ao desenvolvimento cognitivo: intercognitivo (sujeito/mundo) e intracognitivo (linguagem e outros processos cognitivos). (KOCH, 2015, p. 43)
- **Linguagem:** principal mediador da interação entre as referências do mundo biológico e as referências do mundo sociocultural (MORATO, 2001 *apud* KOCH, 2015).

PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVO- INTERACIONISTA

Ampliação da definição de Contexto:

Cotexto (análises transfrásticas): segmentos textuais precedentes e subsequentes ao fenômeno em estudo

O mecânico trocou as velas do carro.

O velejador trocou as velas do barco.

Contexto: situação comunicativa + entorno sócio-histórico-cultural

PERSPECTIVA SOCIOCOCGNITIVO- INTERACIONISTA

- Integração da virada pragmática com a perspectiva cognitivista - o texto é o **próprio *lugar* da interação** e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são **construídos** (KOCH, 2015).

Constatações importantes da LT (pontos de vista em comum):

- Não há uma continuidade entre frase e texto. A diferença entre os dois é de ordem qualitativa e não quantitativa, já que a significação de um texto “constitui um todo que é diferente da soma das partes” (Lang, 1972).

- O texto é a unidade linguística mais elevada, a partir da qual é possível chegar, pela segmentação, a unidades menores passíveis de classificação. (Movimento inverso: do texto à frase).

- Todo falante possui um conhecimento global acerca do que seja um texto.

REFERÊNCIAS

BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. *Introdução à linguística. Domínios e fronteiras*. V.2. São Paulo: Cortez, 2001, p.245-288.

FÁVERO, L. L. & KOCH, I. V. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1988.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2^a ed., 2015.

KOCH, I.V.; TRAVAGLIA, L.C. *A coerência textual*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1992.